NÓS RESPEITAMOS O MODELO (MAPA) DE MUNDO DE CADA PESSOA.

Se "*o mapa não é território*" e se cada pessoa lida com o próprio mapa, então cada um de nós processa as informações de modo único. Algumas pessoas codificarão experiências associadamente, e outras dissociadamente. Uns criarão seus mapas usando principalmente sensações, e outros imagens. Reconhecendo as diferenças entre o mapa e o território, também reconheceremos que as pessoas mapearão a realidade de modos diferentes. Isto nos permite respeitar seus direitos e responsabilidades de cada pessoa ao lidar com o mundo. Quando nós respeitamos seus modelos de mundos, nós as respeitamos como pessoas. Se não respeitarmos os seus mapas, mesmo com todos os erros e distorções que acreditamos ter, nós criamos conflitos desnecessários e muitas vezes inúteis.

Se nós desrespeitamos os outros e seus modelos de mundo, não teremos o tempo necessário para ouvir, apoiar e validar. Estaremos brigando com eles nos erros de seus mapas e colocando-os em posição fortemente defensiva.

Em nossa sociedade aprendemos a conduzir os nossos relacionamentos de acordo com os nossos estilos, e muitas vezes inadvertidamente acabamos violando os valores das pessoas, o que resulta em confronto. Às vezes é muito interessante mudar a forma de tratar as pessoas, respeitando-as e, as valoriazando-as e ouvindo com simpatia suas necessidades e seus problemas. Você não precisa concordar com o que está ouvindo, mas deve começar de uma posição de respeito para com elas e seus modelos de mundo.

Se aceitarmos a premissa de que atrás de cada comportamento ou ação existe uma **intenção positiva**, podemos tratar as pessoas com o devido respeito. O respeito ao modelo de mundo da pessoa envolve o ato de criar a empatia e confiança (rapport). Em qualquer intervenção terapêutica é importante respeitar o que as pessoas pensam e aquilo em que acreditam.

PRESSUPOSIÇÕES SOBRE COMPORTAMENTOS E RESPOSTAS HUMANAS

PESSOAS E COMPORTAMENTOS DESCREVEM FENÔMENOS MUITO DIFERENTES ENTRE SI. (NÓS "SOMOS" MAIS DO QUE OS NOSSOS COMPORTAMENTOS.)

Se o significado de nossa comunicação repousa na resposta que obtemos, então alguma informação muito mais importante nos faz prestar atenção nos comportamentos das pessoas. Podemos dizer que um comportamento não nos define. Podemos expressá-lo, mas não nos identifica.

Quando uma pessoa executa um comportamento qualquer e isto difere da nossa identidade, então podemos esperar que em outra situação ou em outra época a pessoa possa se comportar diferentemente, **o que torna os comportamentos contextualizados**. Em outro contexto a pessoa pode-se comportar de maneira drasticamente diferente. Nós cometemos os maiores erros em nossos relacionamentos quando igualamos uma pessoa com um comportamento em particular. "*As pessoas se comportam...*" põe as pessoas em um nível mais alto que o comportamento. O oposto não é verdadeiro, "*Os comportamentos se pessoam...*". Contudo, se você *identifica* uma pessoa com seu comportamento, teremos que mudar a nossa maneira de ver as coisas, não é?

Bobby G. Bodenhamer e L Michael Hall contam esta pequena e preciosa história sobre Jesus Cristo e a pecadora. "*Nós acreditamos que isto explica como Jesus podia aceitar uma pessoa enquanto desafiava seus os comportamentos. Jesus a viu como muito mais do que seus comportamentos e viu nela mais do que ela viu nela mesma... Jesus viu na mulher (pessoa) mais do que uma adúltera, uma fracassada no casamento ou uma pecadora. Ele a viu como um pai: que não tinha sido bem comportada e que precisava de novas esperança e melhores escolhas. Ele não a xingou! Nem a condenou devido ao seu pecado. Com tato e amor ele a levou a pensar a respeito e a solucionar sua condição*".

Quando as pessoas entendem esta preciosa história podem mudar os seus comportamentos em

relação às outras pessoas e entender a atitude de Jesus Cristo perante a mulher. Ele aceitou o comportamento pecaminoso da mulher como "***um grito pedindo ajuda***", e não como uma razão para condená-la. Ele se mostrou sábio para ir fundo na raiz do comportamento.

Quando as pessoas trazem problemas para outros devemos entender isso como "***um grito pedindo ajuda***". Quando aprendemos a criar e a manter "*rapport*", podemos estabelecer confiança. Assim, podemos tratar respeitosamente as pessoas e entender as necessidades subjacentes a cada comportamento.